

**XVIII SEDU - SEMANA DA EDUCAÇÃO  
I CONGRESSO INTERNACIONAL DE EDUCAÇÃO  
CONTEXTOS EDUCACIONAIS: FORMAÇÃO, LINGUAGENS E DESAFIOS**

**ENSINO DA ANATOMIA HUMANA E INCLUSÃO REFLEXÕES E  
POSSIBILIDADES PARA A PESSOA COM DEFICIÊNCIA VISUAL**

Suelen Priscila Ferreira Alves–  
IFPR – suelen-ballet@hotmail.com;  
Juliana Gomes Fernandes -  
IFPR - juliana.fernandes@ifpr.edu.br;  
Ana Carolina de Athayde Raymundi Braz  
IFPR - ana.braz@ifpr.edu.br  
Adriane de Lima Cardeal  
IFPR - adriane.cardeal@ifpr.edu.br

**Eixo 4: Educação Inclusiva**

**Resumo**

A etapa do ensino técnico e superior precisa refletir sobre como conduzir as disciplinas no paradigma inclusivo. O objetivo desse trabalho foi refletir sobre o ensino da anatomia humana na perspectiva da educação inclusiva, verificar os efeitos de atividades baseadas na aprendizagem colaborativa, e por fim verificar a percepção dos alunos sobre as estratégias adotadas. Este estudo caracterizado como descritivo foi realizado com alunos do curso técnico em massoterapia. Diferentes atividades foram realizadas durante a disciplina para tentar facilitar a aprendizagem de todos, estratégias como paródias, anatomia palpatória, modelo tátil, dramatização e jogos foram utilizadas. Os alunos conseguiram se apropriar do conteúdo e se perceberam inclusos na dinâmica da disciplina. Podemos concluir que o ensino da anatomia humana é possível na perspectiva inclusiva, as atividades propostas durante a disciplina proporcionaram apropriação do conhecimento e foram bem aceitas pelos alunos.

**Palavras-chave:** Educação Inclusiva; Deficiência Visual; Anatomia Humana.

**Introdução**

Vivemos em uma sociedade prioritariamente competitiva, o individualismo, a mecanização, a friidez, se fazem presentes nas diversas interações sociais. A educação inclusiva absolta por essa realidade tem a responsabilidade de incluir o aluno, de criar um espaço no qual, todos são aceitos com suas especificidades. Neste modelo de educação a heterogeneidade do grupo é vista como um grande desafio à criatividade e ao profissionalismo do professor, na sala de aula os alunos aprendem no grupo e com o grupo (SANCHES; TEODORO, 2007).

Condorcet (1792) apresenta à Assembléia Nacional Francesa um relatório onde orienta que é dever do estado assegurar o direito de todos os cidadãos de aperfeiçoar suas habilidades e tornar-se capaz de desenvolver todos os talentos

**XVIII SEDU - SEMANA DA EDUCAÇÃO**  
**I CONGRESSO INTERNACIONAL DE EDUCAÇÃO**  
**CONTEXTOS EDUCACIONAIS: FORMAÇÃO, LINGUAGENS E DESAFIOS**

que recebeu da natureza; e assim estabelecer, entre os cidadãos, uma igualdade de fato, e tornar real a igualdade política reconhecida pela lei.

No Brasil o Estatuto da Pessoa com Deficiência (2015, art.27), aponta que a “educação constitui direito da pessoa com deficiência, assegurado sistema educacional inclusivo em todos os níveis e aprendizado ao longo de toda a vida...”. A Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional de 1996 já trazia em seu artigo 58 que a educação especial deveria ser oferecida preferencialmente na rede regular de ensino (BRASIL, 1996).

A educação inclusiva é para todos, não é um processo apenas para o aluno com alguma deficiência, mas muitas são as discussões ao pensar nesse aluno público alvo da educação especial. A pessoa com deficiência é “aquela que tem impedimento de longo prazo de natureza física, mental, intelectual ou sensorial, o qual, em interação com uma ou mais barreiras, pode obstruir sua participação plena e efetiva na sociedade em igualdade de condições com as demais pessoas” (BRASIL, 2015).

Dentre as classificações de deficiências encontramos a deficiência visual, esta é considerada uma das deficiências sensoriais, de acordo com a PORTARIA Nº 3.128, DE 24 DE DEZEMBRO DE 2008 do Ministério da Saúde,

“§ 1º Considera-se pessoa com deficiência visual aquela que apresenta baixa visão ou cegueira.

§ 2º Considera-se baixa visão ou visão subnormal, quando o valor da acuidade visual corrigida no melhor olho é menor do que 0,3 e maior ou igual a 0,05 ou seu campo visual é menor do que 20º no melhor olho com a melhor correção óptica (categorias 1 e 2 de graus de comprometimento visual do CID 10) e considera-se cegueira quando esses valores encontram-se abaixo de 0,05 ou o campo visual menor do que 10º (categorias 3, 4 e 5 do CID 10).” (BRASIL, 2008).

Na ótica da educação inclusiva os alunos com deficiência visual assim como os demais têm direito a estudar na rede regular de ensino. De acordo com Vigotiski (1997), a educação do aluno com deficiência visual deve acontecer na unidade regular de ensino, e essa deve buscar proporcionar as mesmas condições proporcionadas para os alunos videntes.

“Es preciso eliminar la educación de los ciegos basada en el aislamiento y la invalidez, y bordar el límite entre la escuela especial y la común: la educación del niño ciego debe ser organizada como la educación del niño capaz de un desarrollo

**XVIII SEDU - SEMANA DA EDUCAÇÃO**  
**I CONGRESSO INTERNACIONAL DE EDUCAÇÃO**  
**CONTEXTOS EDUCACIONAIS: FORMAÇÃO, LINGUAGENS E DESAFIOS**

normal; la educación debe convertir realmente al ciego en una persona normal, socialmente válida, y hacer desaparecer la palabra y el concepto de “deficiente” en lo que concierne al ciego” (VYGOTSKI, 1997 p. 112-113)

Para Vigostiski (1997), o desenvolvimento das funções psicológicas superiores se dá na relação social, no trabalho em colaboração, “de la conducta colectiva, de la colaboración del niño con las personas que lo rodean, de su experiencia social, nacen las funciones superiores de la actividad intelectual” (VYGOTSKI, 1997 p. 219). O aluno com deficiência visual deve trabalhar em conjunto com o aluno vidente e nessa relação acontece a apropriação do conhecimento beneficiando a todos.

De acordo com Silva Júnior (2003), o trabalho em grupo traz um efeito recíproco para os alunos, todos aprendem por meio dos debates, na colaboração. A aprendizagem colaborativa acontece quando os alunos constroem coletivamente o conteúdo através de uma troca constante de conhecimento benéfica para todos os alunos (TORRES, *et al*, 2004).

Porém, as afirmações sobre a educação inclusiva fulgentes nas leis, na teoria vigotiskiniana e na aprendizagem colaborativa ainda encontram inúmeras barreiras no momento de sua aplicação. A pessoa com deficiência visual enfrenta barreiras arquitetônicas, comunicacionais e atitudinais constantemente impedindo seu acesso à rede regular de ensino. Estudos têm sido realizados sobre essa área no ensino básico, discutisse as possibilidades, as dificuldades, metodologias e ainda há muito para ser descoberto. Apesar de todas as dificuldades encontradas na educação básica, alguns alunos conseguem após esse processo fazer um curso técnico ou superior.

Ao chegar ao ensino subsequente o aluno enfrenta novos desafios, há poucos estudos sobre a educação inclusiva nessa fase, os professores, alunos e demais envolvidos sentem a necessidade de buscar conhecimentos sobre como trabalhar com uma turma heterogênea, como efetivar a educação inclusiva nesse período (FERRARI; SEKKEL, 2007).

O ensino subsequente, seja ele superior ou técnico visa preparar o aluno para o mundo do trabalho, disciplinas básicas, aplicadas, estágios e atividades complementares são realizadas com o intuito de preparar esse novo profissional. A anatomia humana é uma das disciplinas básicas que faz parte da grade curricular de

**XVIII SEDU - SEMANA DA EDUCAÇÃO**  
**I CONGRESSO INTERNACIONAL DE EDUCAÇÃO**  
**CONTEXTOS EDUCACIONAIS: FORMAÇÃO, LINGUAGENS E DESAFIOS**

muitos cursos subsequentes da área da saúde ela é “um ramo da Biologia que estuda os sistemas do corpo humano e o funcionamento dos mesmos” (ANDRADE FILHO; PEREIRA, 2015).

O ensino da anatomia humana é complexo, são inúmeras as estruturas e conceitos, portanto comumente associado a um alto nível de reprovação, dificuldades e temores por parte dos alunos. Ao professor cabe a responsabilidade de se organizar dentro do cronograma, de elencar o conteúdo essencial para cada profissão e compreender a necessidade de aprendizagem de cada aluno (RIBEIRO *et al*, 2017).

Uma vez iniciada a reflexão sobre o ensino inclusivo nos cursos subsequentes, é indispensável refletir também quais estratégias serão necessárias para aplicar esse ensino dentro de cada disciplina. Nesse caso, como conduzir os diferentes alunos para a apropriação dos conhecimentos da anatomia humana necessários para sua formação? Qual a melhor estratégia para proporcionar a alunos com deficiência visual as condições para se apropriarem dos conhecimentos referentes a essa disciplina? Como conduzir a disciplina de anatomia humana em uma perspectiva inclusiva?

Perante estes questionamentos o objetivo deste estudo foi refletir sobre o ensino da anatomia humana na perspectiva da educação inclusiva, verificar os efeitos de atividades baseadas na aprendizagem colaborativa, e por fim verificar a percepção dos alunos sobre as estratégias adotadas.

## **Metodologia**

O ensino da anatomia humana é um grande desafio, uma grande quantidade de conteúdo precisa ser compreendida em um curto espaço de tempo. Em um estudo realizado sobre a percepção de alunos dessa disciplina conclui-se que os mesmos enfrentam barreiras e dificuldades no processo de aprendizagem, levando os alunos a sentimentos de impotência e desânimo (SALBEGO *et al*, 2015).

No paradigma inclusivo o professor precisa encontrar diferentes formas para construir esses conhecimentos com seus alunos, respeitando suas diversidades.

Os participantes deste estudo são alunos do curso técnico em massoterapia cursistas da disciplina de anatomia humana no primeiro semestre do

**XVIII SEDU - SEMANA DA EDUCAÇÃO**  
**I CONGRESSO INTERNACIONAL DE EDUCAÇÃO**  
**CONTEXTOS EDUCACIONAIS: FORMAÇÃO, LINGUAGENS E DESAFIOS**

curso. A turma é composta por 40 alunos, sendo três destes com deficiência visual (DV) e um com surdocegueira. Além dos alunos com deficiência visual a turma é composta também por alunos de diferentes idades, classes sociais, além de alunos formados em outras áreas, alguns inclusive já cursaram a disciplina de anatomia humana em outros momentos.

No curso de massoterapia a disciplina de anatomia humana tem uma carga horária de 60 horas e é de extrema importância, porque será a partir dela que o aluno compreenderá as regiões onde deve ser realizada a massagem. A disciplina geralmente é subdividida em tópicos da mesma forma descreveremos aqui nossas intervenções.

O estudo terá uma abordagem de natureza qualitativa que segundo Richardson (1989, p.80), é aquela que é capaz de “descrever a complexidade de determinado problema, analisar a interação de certas variáveis, compreender e classificar processos dinâmicos vividos por grupos sociais”. Será caracterizado também como uma pesquisa descritiva, o valor desse tipo de pesquisa está na possibilidade de que os problemas podem ser resolvidos e as práticas aperfeiçoadas, este fato ocorreria através da observação, análise e descrição objetivas e completas dos procedimentos e resultados obtidos (THOMAS; NELSON, 2002).

### **Da introdução à anatomia humana aos conceitos do sistema ósseo**

Alguns conhecimentos básicos são essências para uma boa compreensão dessa disciplina, sendo assim no início foram realizadas algumas aulas expositivas explicando a definição da anatomia, partes do corpo, cortes anatômicos. Para os alunos videntes o recurso visual é importante, portanto as aulas foram montadas para apresentação multimídia e o professor fazia uma breve descrição da imagem para auxiliar os alunos DVs.

Segundo Alves *et al* (2011), a “audiodescrição (AD) é uma ferramenta utilizada para garantir maior acessibilidade à informação visual a indivíduos com deficiência visual e consiste na tradução das imagens em palavras.” Essa pode auxiliar até mesmo os alunos videntes tendo em vista a facilidade de alguns para aprender ouvindo, ou a dificuldade de outros para fazer interpretação de imagens.

Os conteúdos expostos também foram representados no próprio corpo, os alunos levantavam e tocavam nas regiões do corpo falando seus nomes,

**XVIII SEDU - SEMANA DA EDUCAÇÃO**  
**I CONGRESSO INTERNACIONAL DE EDUCAÇÃO**  
**CONTEXTOS EDUCACIONAIS: FORMAÇÃO, LINGUAGENS E DESAFIOS**

representavam também os cortes anatômicos com movimentos das mãos. Nesse sentido para os alunos DVs foi dado em primeiro momento um comando auditivo descrevendo o movimento que deveria ser feito e quando encontrado dificuldade o professor demonstravam tocando no aluno.

Algumas dinâmicas rápidas de alongamentos e consciência corporal também foram realizadas, é comum encontrarmos em adultos com pouco estímulo na infância certa defasagem com relação à consciência corporal, essa realidade é ainda mais verdadeira quando se trabalha com pessoas com deficiência visual.

Após essa compreensão do corpo e dos conceitos básicos da anatomia humana foi dado início aos conhecimentos específicos do sistema ósseo. Em um primeiro contato com a anatomia humana a memorização é necessária, pois será por meio dela que o aluno poderá dar significado a outros conhecimentos.

O sistema ósseo é composto por 206 ossos além de acidentes ósseos, são inúmeras palavras novas apresentadas aos alunos. Na tentativa de facilitar a apropriação dos termos específicos os ossos foram apresentados em projeção multimídia, também através de modelos anatômicos, os modelos são divididos por regiões corporais e esqueleto completo.

Após a apresentação das estruturas anatômicas deste sistema foram criadas paródias com os conteúdos, nessas os ossos palpáveis eram mencionados na letra ao mesmo tempo em que a mão tocava a localização da estrutura. Em um levantamento bibliográfico realizado por Silva, Pereira e Melo (2015), foi identificado que crianças aprendem mais e de forma mais prazerosa os conteúdos da biologia, quando estes são trabalhados através de paródias, acreditamos que estes benefícios também seriam proporcionados para alunos adultos. A paródia nesse caso facilitou a memorização dos nomes dos ossos palpáveis, tornando essa memorização mais prazerosa, em conjunto com a coreografia facilitou também a localização dessas estruturas.

Como revisão para a avaliação foi realizada uma prática palpatória, os alunos foram distribuídos em grupos por regiões corporais, eles recebiam um modelo anatômico dessa região que deviam explorar e criar perguntas. As regiões corporais funcionaram como um circuito de forma que todos os grupos passaram por todas as regiões.

Durante a revisão foi possível perceber a apropriação do conhecimento na troca com o outro, os alunos videntes descreviam as peças, os DVs

**XVIII SEDU - SEMANA DA EDUCAÇÃO  
I CONGRESSO INTERNACIONAL DE EDUCAÇÃO  
CONTEXTOS EDUCACIONAIS: FORMAÇÃO, LINGUAGENS E DESAFIOS**

relatavam sobre vídeo-aulas assistidas, outros alunos falavam de suas experiências com fraturas ou mostravam aplicativos que traziam esses conhecimentos.

A avaliação final desse sistema se deu de forma teórica, com questões abertas, fechadas e identificação de imagens. Para os DVs foi utilizado o recurso do leitor humano, esse é um recurso alternativo para a pessoa com deficiência visual ter acesso a um material impresso em tinta (ARNAIS, LANDIM, CAMPOS, 2014). A parte de identificação da imagem com os DVs foi realizada por meio de palpação no esqueleto, a mão do aluno era levada até uma determinada estrutura óssea, esse aluno palpava essa região e dizia o nome.



**Figura 01:** Revisão do sistema ósseo

**Fonte:** Dados da pesquisa

Percebemos durante a avaliação que os alunos recorriam à paródia, ou ao toque para tentar lembrar o nome de algumas estruturas. A turma foi bem na avaliação, os alunos com deficiência visual tiveram bastante facilidades para responder as questões.

### **Sistema muscular anatomia palpatória e inclusão**

O sistema muscular é composto por mais de 600 músculos, para a apropriação desse conhecimento foi utilizada a anatomia palpatória, os alunos em duplas palpavam no corpo do colega os músculos apresentados pelo professor. Para auxiliar foi sugerido um livro com imagens destes músculos, os alunos videntes descreviam as localizações para os DVs, enquanto os alunos localizavam os

**XVIII SEDU - SEMANA DA EDUCAÇÃO**  
**I CONGRESSO INTERNACIONAL DE EDUCAÇÃO**  
**CONTEXTOS EDUCACIONAIS: FORMAÇÃO, LINGUAGENS E DESAFIOS**

músculos em seus colegas o professor passava conferindo se o posicionamento estava correto.

Foi percebida durante esta prática a dificuldade dos alunos em compreender a sobreposição dos músculos. Diante dessa dificuldade foi proposto aos alunos que fizessem um modelo do sistema muscular com diferenças táteis, um dos alunos foi escolhido como modelo e os demais alunos foram divididos em grupos por regiões corporais e deveriam encontrar formas para representar os músculos solicitados daquela região.



**Figura 02:** Modelo Tátil do Sistema Muscular  
**Fonte:** Dados da pesquisa

Essa atividade auxiliou bastante os alunos na compreensão da origem e inserção dos músculos e na compreensão de quais são mais superficiais ou profundos. Dentro do grupo um aluno ia auxiliando o outro e conferindo nos livros, aplicativos, se o posicionamento do modelo estava correto.

Os alunos se envolveram bastante na atividade, trouxeram diferentes materiais para montar o modelo, trocaram experiências e ideias. No momento da apresentação cada grupo demonstrava seus músculos e localizações a avaliação do sistema muscular se deu de forma prática, os alunos tinham uma lista de músculos que deveriam demonstrar o posicionamento em um colega. Os alunos tiveram um bom desempenho nessa avaliação.

**Sistema nervoso, articular, circulatório, digestório, respiratório e geniturinário, jogos, artes e a inclusão**



**XVIII SEDU - SEMANA DA EDUCAÇÃO**  
**I CONGRESSO INTERNACIONAL DE EDUCAÇÃO**  
**CONTEXTOS EDUCACIONAIS: FORMAÇÃO, LINGUAGENS E DESAFIOS**

Os demais sistemas corporais foram subdivididos em grupos, cada grupo deveria responder a um questionário pré-elaborado pelo professor. Após responderem ao questionário do seu sistema os grupos trocaram os questionários com suas respectivas respostas e deveriam de forma breve criar um jogo baseado nos conhecimentos apontados nesse novo questionário. A turma participava deste jogo e faziam questionamentos para os colegas.

Terminados os jogos cada grupo pegou novamente seu primeiro questionário e agora precisavam encontrar uma forma criativa para levar esse conhecimento para os demais alunos.

Alguns grupos optaram por dramatizar o conteúdo como no caso do sistema cardiovascular onde um aluno representava o coração, dois alunos os pulmões, dois carregavam representações de gotas de sangue feitas em EVA que tinham um lado vermelho e o outro azul e os outros alunos representavam os demais órgãos. Os dois alunos que representaram o sangue demonstravam a pequena e grande circulação usando o lado vermelho ou azul da gota para mostrar se o sangue percorria por ali oxigenado ou não.

Em um estudo realizado por Tobase, Gesteira, Takahashi (2007), conclui-se que a dramatização é uma estratégia de ensino que permite a aprendizagem na enfermagem proporcionando também crescimento pessoal. Da mesma forma acreditamos que na massoterapia a dramatização pode aproximar o aluno do conteúdo e da cultura humana.

Outros grupos optaram por fazer paródias ou associaram as paródias às coreografias. O grupo do sistema articular, por exemplo, realizou uma apresentação de dança e falou sobre os tipos de articulações envolvidas nessa dança e suas funções.

Os alunos gostaram bastante da prática e fizeram questão de montar materiais próprios para essa apresentação buscaram informações em diferentes locais. Os alunos que estavam assistindo as apresentações se envolveram bastante, fizeram questões, colocaram exemplos.

**XVIII SEDU - SEMANA DA EDUCAÇÃO  
I CONGRESSO INTERNACIONAL DE EDUCAÇÃO  
CONTEXTOS EDUCACIONAIS: FORMAÇÃO, LINGUAGENS E DESAFIOS**



**Figura 03:** Sistema Articular e a dança  
**Fonte:** Dados da pesquisa

### **Percepções dos alunos sobre as estratégias adotadas na disciplina de anatomia**

Após encerrar a disciplina foi pedido um feedback dos alunos sobre as atividades realizadas. Os alunos citaram sobre a importância da ludicidade como podemos ver “consegui sugar muito bem os conteúdos pela dinâmica das aulas que a professora aplicou, foi uma forma bem lúdica para que pudesse aprender não só eu claro, mas a sala” (ALUNO 01), “Achei que a experiência lúdica foi muito importante muito boa, onde o aprendizado fica fixado de forma tranquila de forma que a gente sempre está lembrando” (Aluno 02).

Um estudo realizado por Da Silva, Guimarães e Barbosa (2006), corrobora com a percepção dos alunos sobre o lúdico, de acordo com esses autores a experiência corporal através de jogos facilita a memorização, fixação e transmissão dos conteúdos de anatomia humana.

A diversidade das atividades e dos espaços também foram comentadas pelos alunos e de como essa diversidade conseguiu auxiliá-los na aprendizagem “as coisas se transformam, tem hora que era matéria, mas aqui no momento seguinte já era uma coisa lúdica, depois já era pesquisa, você já levava para a praça, o tempo passava, não tinha tédio, e eles nem percebiam, que a matéria era pesada” (Aluna 04), “acho muito interessante porque ela aborda todas as pessoas, se a pessoa não consegue falar ela pode escrever, se ela não consegue escrever ela pode falar ou desenhar, sair da sala de aula também é muito importante, porque a

**XVIII SEDU - SEMANA DA EDUCAÇÃO**  
**I CONGRESSO INTERNACIONAL DE EDUCAÇÃO**  
**CONTEXTOS EDUCACIONAIS: FORMAÇÃO, LINGUAGENS E DESAFIOS**

gente sai daquela metodologia daquele padrão de professor ensinando e aluno aprendendo” (Aluna 05).

Os alunos perceberam-se incluídos nas atividades, “como deficientes visuais, nós nos tocávamos, em alguns músculos, mais fáceis depois tínhamos o acompanhamento de outro aluno... através também de paródias e dos trabalhos que eram geralmente toda a sala envolvida” (Aluno 01), “a didática abrangeu todos os grupos, videntes, deficientes visuais, mais jovens, mais velhos” (aluno 06), “para mim que tenho dificuldade em gravar muita coisa, aquela música das dancinha dos ossos foi demais, até hoje me lembro” (aluna 07).

De acordo com Piazza e Chassot (2012), o professor precisa selecionar os métodos de ensino com cuidado, uma vez que alguns métodos em anatomia humana tendem a levar alunos a exclusão e desistência da disciplina. A quantidade de conteúdo é extensa e se o aluno não se sente capaz de compreender esses conteúdos e se apropriar deles acaba se sentindo desestimulado a buscar mais conhecimentos.

Algumas sugestões também foram colocadas pelos alunos em seus feedback, “uma sugestão aos futuros alunos deficientes visuais essa maneira lúdica, essa forma de usar paródia fica mais fácil de poder assimilar a questão da matéria” (aluno 01), “para mim todas disciplinas deveria ter algo nesse sentido... algo que fosse assim a mais lúdico, mais prático” (aluna 02), “são coisas que eu acho que do aprendizado daqui para frente algo vai ter que ser feito... as coisas estão desinteressantes, os alunos foram em uma direção e os professores ainda continuaram na velha maneira de dar aula” (aluna 06).

No processo de ensino e aprendizagem é importante dar voz ao aluno às suas dificuldades, curiosidades e conhecimentos e nessa relação buscar a melhor forma de conduzir a disciplina, professores e alunos podem trabalhar em cooperação, assim como alunos com alunos e nessa relação humana nos desenvolvemos.

## **Conclusões**

Diante dos resultados encontrados, concluímos que o ensino da anatomia humana é possível dentro da perspectiva inclusiva e que ao tentar auxiliar na aprendizagem dos alunos com alguma necessidade educacional diferente, todos são beneficiados.

**XVIII SEDU - SEMANA DA EDUCAÇÃO**  
**I CONGRESSO INTERNACIONAL DE EDUCAÇÃO**  
**CONTEXTOS EDUCACIONAIS: FORMAÇÃO, LINGUAGENS E DESAFIOS**

As atividades propostas em sala de aula fazendo o uso da aprendizagem colaborativa, do lúdico e da arte tiveram uma boa aceitação pela turma e auxiliaram na compreensão do conteúdo. No trabalho em conjunto os alunos aprendiam uns com os outros e desenvolviam outras habilidades como as de comunicação e relacionamento pessoal indo além dos conteúdos específicos da disciplina.

Os alunos se perceberam incluídos nas dinâmicas realizadas em sala, gostaram da diversidade das atividades e de como isso auxiliou no seu aprendizado, na apropriação do conteúdo de acordo com suas vivências e experiências.

Pensar uma disciplina por meio da perspectiva inclusiva, por vezes é visto como um desafio, mas as adaptações realizadas para uma determinada condição tende a beneficiar todo o grupo, assim percebemos que a adaptação, por exemplo, por vezes realizada para um aluno com deficiência visual auxilia muitos outros alunos na compreensão do conteúdo.

Cada ser humano tem suas próprias experiências e características, ao pensar em uma disciplina como a Anatomia Humana, é preciso pensar como alcançar essa diversidade de humanos, nisso a troca de experiência dos alunos com os professores e de professores com outros professores ou profissionais fazem toda a diferença.

## **Referências**

ALVES, S. F. *et al.* Propostas para um modelo brasileiro de audiodescrição para deficientes visuais. **Revista Tradução e Comunicação**, n. 22, 2011. Disponível em: <https://www.semanticscholar.org/paper/Propostas-para-um-modelo-brasileiro-de-para-visuais-Alves-Teles/d619406c04cd513c43ce44d6a220b5ead50f3aba>. Acesso em: 30 set. 2019.

Andrade Filho, E. P.; Pereira, F. C. F. **Anatomia Geral**. Dom Espedito: Sobral, 2015.

ARNAIS, M. Ap. O.; LANDIM, F. A.; CAMPOS, M. S. F. Entre leitores humanos e leitores digitais. RBB. **Revista Brasileira de Biblioteconomia e Documentação**, São Paulo, v. 10, ago. 2014. ISSN 1980-6949. Disponível em: <<https://febab.emnuvens.com.br/rbbd/article/view/329>>. Acesso em: 05 ago. 2019.

BRASIL. (1996). Lei nº 9394 de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Disponível em: <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/L9394.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L9394.htm)>. Acesso em: 03 de set. 2019.

**XVIII SEDU - SEMANA DA EDUCAÇÃO**  
**I CONGRESSO INTERNACIONAL DE EDUCAÇÃO**  
**CONTEXTOS EDUCACIONAIS: FORMAÇÃO, LINGUAGENS E DESAFIOS**

BRASIL. (2008). Ministério da Saúde. PORTARIA Nº 3.128, DE 24 DE DEZEMBRO DE 2008. Disponível em:  
<[http://bvsms.saude.gov.br/bvs/saudelegis/gm/2008/prt3128\\_24\\_12\\_2008.html](http://bvsms.saude.gov.br/bvs/saudelegis/gm/2008/prt3128_24_12_2008.html)>.  
Acesso em: 19 de ago. 2019.

BRASIL. (2015). Lei nº 13.146, de 6 de julho de 2015. Institui a Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência (Estatuto da Pessoa com Deficiência). Disponível em:  
<<https://www2.senado.leg.br/bdsf/bitstream/handle/id/513623/001042393.pdf>>.  
Acesso em: 21 de out. 2018.

DA SILVA, R. A.; GUIMARÃES, M. M.; BARBOSA, A. A. Jogos corporais: aprendizagem de anatomia. **Educere-Revista da Educação da UNIPAR**, v. 5, n. 1, 2008. Disponível em: < <http://revistas.unipar.br/index.php/educere/article/view/166>>.  
Acesso em: 03 de set. 2019.

Ferrari, M.A.L.D; Sekkel, M.C. Educação inclusiva no ensino superior: um novo desafio. **Psicologia Ciência e Profissão**, v.27, n.4, p. 636-647, 2007. Disponível em: < [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1414-98932007000400006&lng=en&nrm=iso&tlng=pt](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-98932007000400006&lng=en&nrm=iso&tlng=pt)>. Acesso em: 03 de set. 2019.

PIAZZA, B.L.; CHASSOT, A.I. Anatomia Humana, uma disciplina que causa evasão e exclusão: quando a hipótese principal não se confirma. **Ciência em Movimento**, v. XIV, n. 28, p.45-59, 2011. Disponível em: < <https://www.metodista.br/revistas/revistas-ipa/index.php/EDH/article/view/141/104>>.  
Acesso em: 21 de ago. 2019.

RIBEIRO, R. L. *et al.* Desenvolvimento de objeto de aprendizagem para o ensino de Anatomia em Enfermagem. **Rev. Rene**, v.17, n.6, 2016. Disponível em:  
<http://www.periodicos.ufc.br/rene/article/view/1885>. Acesso em: 19 de ago. 2019.

RICHARDSON, R. J. **Pesquisa social: métodos e técnicas**. São Paulo-SP: Editora Atlas, 1989.

SALBEGO, C. *et al.* Percepções Acadêmicas sobre o Ensino e a Aprendizagem em Anatomia Humana. **Rev. bras. educ. med.**, Rio de Janeiro , v. 39, n. 1, p. 23-31, Mar. 2015 . Disponível em:  
<[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0100-55022015000100023&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0100-55022015000100023&lng=en&nrm=iso)>. Acesso em: 26 de Jul. 2019.

SANCHES, I.; TEODORO, A. Procurando indicadores de educação inclusiva: as práticas dos professores de apoio educativo. **Rev. Port. de Educação**, Braga , v. 20, n. 2, p. 105-149, 2007 . Disponível em  
<[http://www.scielo.mec.pt/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0871-91872007000200005&lng=pt&nrm=iso](http://www.scielo.mec.pt/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0871-91872007000200005&lng=pt&nrm=iso)>. Acesso: em 24 de Jul. 2019.

SILVA JUNIOR, B. S da. **Fatores associados à conclusão da educação superior por cegos: um estudo a partir de L. S. Vygotski**. 2013. 287. Tese (Ciências Humanas – Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Federal de Pelotas, Pelotas RS, 2013. Disponível em:

**XVIII SEDU - SEMANA DA EDUCAÇÃO**  
**I CONGRESSO INTERNACIONAL DE EDUCAÇÃO**  
**CONTEXTOS EDUCACIONAIS: FORMAÇÃO, LINGUAGENS E DESAFIOS**

<[http://bdtd.ibict.br/vufind/Record/UFPL\\_cc149db7fb19abceb1625ff6aba33693/Description#details](http://bdtd.ibict.br/vufind/Record/UFPL_cc149db7fb19abceb1625ff6aba33693/Description#details)>. Acesso em 12 de Jul. 2019.

SILVA, E. S.P.; PEREIRA, I. B.; MELO, S. M.F. O uso da música no ensino de biologia: experiências com paródias. In: **CONGRESSO DE INOVAÇÃO PEDAGÓGICA EM ARAPIRACA**, 1., 2015, Arapiraca-AL, Anais..., Arapiraca-AL, UFAL, 2015.

TOBASE, L.; GESTEIRA, E.; TAKAHASHI, R. Revisão de literatura: a utilização da dramatização no ensino de enfermagem. **Revista Eletrônica de Enfermagem**, v. 9, n. 1, 6 set. 2009. Disponível em: <https://revistas.ufg.br/fen/article/view/7149>. Acesso em: 26 de Ago. 2019.

THOMAS, J. R.; NELSON J. K. **Métodos de Pesquisa em Atividade Física**. 6. ed. Porto Alegre: Artmed, 2012. Disponível em: <<http://books.google.com.br/books?hl=ptPT&lr=&id=zSTMextTv6sC&oi=fnd&pg=PA9&dq=pesquisa+experimental&ots=2wd7gNlR&sig=DuWYC1FMWqDpA8F4aNlZAltx3WA#v=onepage&q=pesquisa%20experimental&f=false>>. Acesso em: 12 de jul. 2019.

TORRES, L.; P. *et al.* Grupos de consenso: uma proposta de aprendizagem colaborativa para o processo de ensino-aprendizagem. **Revista Diálogo Educacional**, [S.l.], v. 4, n. 13, p. 129-145, jul. 2004. ISSN 1981-416X. Disponível em:<<https://periodicos.pucpr.br/index.php/dialogoeducacional/article/view/7052/6932>>. Acesso em: 22 de ago. 2019.

VYGOTSKY, L. S. **Fundamentos de defectología**. La Habana: Pueblo y Educación, 1997.